

## **Medidas paliativas e excesso de dívidas trazem de volta o risco da recessão**

*Marcelo López, da L2 Capital Partners, explica o que está acontecendo com a economia global e aponta alternativas para investidores*

A situação econômica no Brasil e de vários outros países pelo mundo vem piorando recentemente, resultando em um cenário desolador, com poucas perspectivas de recuperação a curto e médio prazos, conforme acreditam os mais otimistas. Enquanto a atividade econômica diminui a cada dia, o déficit público vem aumentando consistentemente, demonstrando pouca preocupação dos governos em manter o orçamento equilibrado.

Dados observados no site da revista *The Economist* e no FMI (Fundo Monetário Internacional) mostram que a dívida pública de 123 países, do início dos anos 2000 até os dias de hoje, comprovam que os governos estão se endividando mais. Em 2007, ano que antecedeu a crise financeira internacional, a dívida mundial era de US\$ 30 trilhões. No mesmo período, o PIB (produto interno bruto) desses países, medido a preços correntes, passou de US\$ 55 trilhões para US\$ 71 trilhões, uma alta de 29%.

Na visão do analista financeiro Marcelo López, sócio da L2 Capital Partners, esse desequilíbrio é decorrente de medidas adotadas com o objetivo de estimular suas economias. Segundo ele, a partir da crise financeira global de 2007/2008, os governos passaram a reduzir impostos de bens de consumo e aumentar benefícios acreditando que, desta forma, a economia iria se restabelecer de maneira definitiva. "O problema é que o tempo foi passando e as economias não estão reagiram como se esperava, embora, no curto prazo, parecesse que o efeito era positivo. Agora, nos deparamos com a realidade, e os governantes se encontram perdidos, porque eles sabem que não poderão manter os estímulos infinitamente", afirma López.

Outro fator de risco é a emissão desordenada de moeda e de títulos da dívida pública com vencimentos a longo prazo pelos bancos centrais. "Desta forma, bilhões e bilhões são vendidos a outros países e instituições financeiras, como os bancos. Assim, o governo faz uma dívida, arrecada e deixa o déficit para as próximas gerações", explica. O problema é que os governos exageraram na dose, e muitos países, inclusive grandes potências, chegaram em níveis insuportáveis de dívida, como os EUA, que, anualmente, aumentam uma média US\$ 1,5 trilhão. "Em tese, a crise econômica global é devido a esse sistema financeiro, em que todos são devedores e credores, pois, em geral, acreditamos no pagamento dos títulos", afirma López.

No entanto, o que aconteceria caso houvesse uma inadimplência geral no pagamento dos títulos? Até quando o FED (Banco Central norte-americano) conseguirá manter - artificialmente - a taxa de juros em zero ou quase isso? O que acontecerá quando o FED tiver que aumentar as taxas (e eles terão que fazê-lo em algum momento), desvalorizando os títulos do tesouro americano?

## **Crash à vista?**

Marcelo López está entre os poucos especialistas que acreditam que um colapso está próximo de acontecer. De acordo com ele, o mercado vem dando sinais de que está prestes a enfrentar uma grave recessão. "Na última década, vimos passando por diversos momentos de crise na economia, que acabaram sendo controlados com medidas que surtiram efeito de imediato, mas não solucionaram a questão definitivamente.

Os governos vêm ignorando a necessidade de reformas estruturais, principalmente em âmbito fiscal e tributário. Paralelamente, vêm usando de artifícios para fazer com que a economia continue crescendo e gerando riquezas, ao exemplo da ampla oferta de crédito a juros baixos, compressão para baixo das tarifas de energia e combustíveis fósseis, entre outros", afirma López.

Para ele, o momento inspira cautela e redução dos gastos. Recentemente, foi divulgado o número de vendas no varejo dos EUA para abril, que trouxe mais uma decepção: o crescimento mais lento desde 2009 (ano da suposta recuperação). Não houve crescimento nesse indicador no mês, contra uma expectativa de crescimento de 0,2%.

"Os indicadores estão piorando a olhos vistos e só não enxerga o imbróglio em que estamos quem não quer. Mantemos nossa indicação de cautela para os investidores. Renda fixa (na maior parte) e uma exposição a metais preciosos é recomendável", diz. Segundo ele, o custo para se investir em ouro, agora, é baixo: com taxas de juros nas mínimas históricas em todo o mundo desenvolvido, o custo de carregamento do ouro é baixíssimo, o que deve aumentar a demanda pelo metal. "O ouro é uma proteção perfeita contra a inflação, no longo prazo, pois seu valor se mantém estável, independente de crises".

---

ASSESSORIA DE IMPRENSA

ETC Comunicação Empresarial – (31) 2535-5257 / 9120-5295

Fernanda Pereira – [fernanda@etccomunicacao.com.br](mailto:fernanda@etccomunicacao.com.br)

Núdia Fusco – [nudia@etccomunicacao.com.br](mailto:nudia@etccomunicacao.com.br)